

SAUDE MENTAL DA COMUNIDADE NIPO-BRASILEIRA NO JAPÃO¹

Lincoln Miyasaka, Professor Doutor da Disciplina de Medicina de Urgência da Escola Paulista de Medicina Universidade Federal de São Paulo e Médico Clínico do Hospital NS Rosário e do Programa de Saúde da Família. Pesquisador visitante no Departamento de Psiquiatria do Jichi Medical School, Japão (abril de 1997 - maio de 2000). Pesquisador visitante no Instituto Nacional de Saúde Mental de Chiba, Japão (maio de 1999- maio de 2000).

A lista de situações estressantes que enfrenta a comunidade nipo-brasileira é muito grande. Este capítulo é fruto do contato com cerca de 2.300 nipo-brasileiros entre maio de 1997 e maio de 2000. Esse contato foi feito em hospitais, em visitas a fábricas, igrejas, em entrevistas domiciliares, em caravanas médico-odontológicas em várias províncias como Tochigi, Shizuoka, Aichi, Kanagawa, Hiroshima, Shiga, e cidade de Tokyo, e por telefone através do "Disk-saúde", serviço de orientação médica aos brasileiros (MIYASAKA, 2000). Assim, passo a palavra aos brasileiros que entrevistei:

1. Problemas de Natureza Pessoal:

Dificuldade de comunicação e expressão: ³em caso de doença, quando procuramos um médico japonês, mesmo com intérprete, não temos certeza de que o que queríamos comunicar foi transmitido de fato². A dificuldade é maior no caso de problemas emocionais ou psiquiátricos quando o diagnóstico e o tratamento dependem totalmente da comunicação, pois não existe nenhum exame laboratorial que diga que é este ou aquele problema.

Solidão: ³não tenho amigos, estou longe da família, não tenho com quem conversar². Alguns jovens relataram que por vários meses não tiveram oportunidade de conversar com outras pessoas.

c. Choque cultural: em relação à bagagem cultural herdada pela comunidade nipo-brasileira no Brasil, existem aqueles que se adaptaram à cultura brasileira e perderam muito da cultura japonesa, aqueles que preservaram a cultura japonesa com prejuízo de adaptação à cultura brasileira, aqueles que conhecem bem as duas culturas, e também aqueles que não estão adaptados a nenhuma das culturas. Aqueles que não conheciam a cultura japonesa, ao chegar no Japão, relatam a dificuldade de entender o relacionamento humano, relacionamento com os superiores, valores culturais, como o "on" (gratidão ou dívida para com aquele que nos fez algum favor) , "tatemae e honne" (o que se diz e o que se quer dizer, isto é, o que se deve ler nas entrelinhas), importância dada à pontualidade, ao costume de tirar os sapatos ao entrar em casa, ao silêncio para não incomodar os outros, separação do lixo etc. Por outro lado, aqueles nipo-brasileiros mais tradicionais que

¹ Resumo da apresentação feita na Jornada de Estudos Japoneses promovida pela ABEJ (Associação Brasileira de Estudos Japoneses) em 25 de agosto de 2005, Auditório da Fundação Japão.

receberam a cultura e língua de seus pais, tinham uma idéia, do Japão, que já não é a realidade do Japão de hoje. Muitas palavras usadas há 50-70 anos não são usadas mais. Houve entrada de muitas palavras novas derivadas do inglês. Por exemplo, "passocom" quer dizer "personal computer". Também muitos costumes e valores antigos estão em extinção. Por exemplo: o "oyakooko" que quer dizer respeito, obediência e amor aos pais. Assim, tanto aqueles que estão mais adaptados à cultura japonesa, como os que estão mais afeitos à cultura brasileira, decepcionam-se com a mudança de valores.

d. Identidade étnica: no Brasil somos chamados de "japonês" devido a nossa fisionomia, mas no Japão somos chamados de "brasileiros", por causa da nossa nacionalidade. Temos visto muitos jovens que se perguntam: quem sou afinal?

e. Saúde em geral: dentre os casos mais graves citamos o câncer de estômago, fígado, ósseo, e mama; leucemia; AIDS; tuberculose; hanseníase etc. (casos acompanhados pelo autor deste livro). Em um simpósio de AIDS realizado em Tokyo foram relatados 114 casos de HIV e 87 de AIDS em latino-americanos residentes no Japão, notando-se que pela relação HIV/AIDS há a possibilidade de muitos casos de HIV não notificados (KIHARA et al.1999).

f. Saúde mental: pudemos acompanhar o tratamento de cerca de 107 brasileiros que procuraram três centros médicos no Japão ("Jichi Medical School" na província de Tochigi, "Aichi Medical School" na província de Aichi e H Clinic em Tokyo) entre julho de 1997 e abril de 2000. Os diagnósticos dos pacientes soa principalmente depressão, ansiedade e esquizofrenia.

Onze casos de suicídio, envolvendo brasileiros em 1998, foram registrados junto ao Consulado Brasileiro (FERREIRA, 1998) . O "Jornal Tudo Bem" de 30 de dezembro de 1998 apresenta um artigo intitulado Onda de suicídio que relata cinco casos de suicídio nos dois últimos meses.

2. Problemas de Natureza Familiar:

Dificuldade de relacionamento com os filhos: no início do movimento "dekassegui" apenas o pai ia ao Japão, deixando toda a família no Brasil. Depois de alguns anos chamava a mãe, e os filhos ficavam com os avós ou parentes e até conhecidos ou vizinhos. Com isso, em algumas famílias, os pais e filhos reencontravam-se após seis a oito anos e não sabiam como se relacionar; sentiam-se estranhos um para o outro.

b. Dificuldades de relacionamento com o cônjuge: separação física por muitos anos, estresse de ambas as partes, tem conduzido muitos casais ao divórcio. Um artigo da revista Veja (23 agosto 1995, p 62-63) com o título Deixando para trás - Cresce o número de famílias abandonadas por brasileiros que vão fazer seu pé de meia no Japão, relata esses fatos. Alguns jornais que circulam entre os nipo-brasileiros no Japão têm uma seção chamada Procura-se, onde familiares tentam localizar seus desaparecidos (FERREIRA, 1999b; ARAI, 1998). Talvez só o tempo poderá mostrar a profundidade das cicatrizes deixadas pelo movimento "dekassegui" no seio da família nipo-brasileira.

3. Problemas na Área da Educação

Adaptação escolar: as crianças que vão ao Japão em idade pré-escolar ou no início do primeiro grau, geralmente se adaptam bem ao sistema de ensino japonês; por outro lado esquecem rapidamente o português, e passam a ter dificuldade de comunicação com os pais. Temos visto crianças e adolescentes que se envergonham de ser brasileiros; não querem que seus pais venham à escola, e que falem português na frente dos colegas. Nos trens, não querem sentar perto dos pais para não serem identificados como estrangeiros.

Os adolescentes e jovens que vão ao Japão, nos últimos anos do primeiro grau ou no segundo grau, têm muita dificuldade de acompanhar os estudos e a maioria acaba abandonando a escola. Como não estão em idade de trabalhar, correm o risco de desenvolver maus hábitos, abuso de substâncias e se envolver em delitos. A Agência Nacional de Polícia do Japão relatou 3.278 ocorrências, 3.058 roubos, 71 apreensões por uso de drogas e 119 detenções envolvendo brasileiros em 1998 (FERREIRA, 1999a).

Na escola existe o chamado ³ijime² que significa provocar sofrimento naqueles que são mais fracos ou diferentes do grupo. Atendemos durante nossa estadia no Japão a brasileiros que sofreram "ijime" por parte dos colegas de classe.

4. Problemas na Área Trabalhista

Relacionamento humano: existem problemas de discriminação por parte de alguns japoneses, mas também problemas de competição, falta de cooperação e coleguismo entre os próprios brasileiros.

Excesso de trabalho: 12-14 horas de trabalho pesado, repetitivo, perigoso, sob pressão, turnos alternados de trabalho diurno e noturno, com muito pouco ou sem tempo de repouso. Tudo isto leva ao próximo item.

Acidentes de trabalho e doenças ocupacionais: lesões por esforços repetitivos, perda de dedos, ou da mão, intoxicação por substâncias químicas, hérnia de disco, hérnia inguinal e zumbido no ouvido, quando não há morte por acidente.

d. Ansiedade quanto ao futuro: não há segurança no emprego, pois não são trabalhadores fixos; assim, se a economia do Japão piora, os brasileiros trabalham sem saber se no mês seguinte estarão empregados e sentem-se como funcionários ³descartáveis². Os relatos de KAWAMURA (1997) e OSAWA (1993) mostram essa situação.

e. Desemprego: a perda de emprego significa perda de moradia para muitos que vivem nos alojamentos ou apartamentos da firma. Como o custo de vida no Japão é muito alto, caso não consiga outra colocação em seguida, a única saída é o retorno ao Brasil. O retorno sem conseguir o seu objetivo financeiro é visto como derrota e vergonha. Constatamos também ³homeless² (sem teto) nipo-brasileiros no Japão.

f. Empreiteiras: segundo estimativas do CIATE (CENTRO DE INFORMAÇÃO E APOIO AO TRABALHADOR NO EXTERIOR), cerca de 80% dos 200.000 "dekassegui" brasileiros estão trabalhando contratados por agenciadores, mas há alguns inescrupulosos que cobram excessivamente pela passagem aérea, pelo visto e intermediação (Japão Aqui, maio 1997); não recolhem os impostos, embora descontem no "hollerith", não inscrevem seus funcionários em seguros de saúde, aposentadoria ou seguro de acidente de trabalho.

5. Problemas de Seguro de Saúde

No Japão, basicamente existe o sistema de seguro social (shakai hoken) para os que trabalham em firmas, e o seguro nacional de saúde (kokumin hoken) para os autônomos. O seguro social cobre 80% dos gastos com saúde, e o seguro nacional cobre 70%. Na falta de seguro a pessoa tem que arcar, não só com 100%, mas muitas vezes com 200% do valor total, tornando o tratamento impossível.

Muitos dos brasileiros mais jovens não querem o seguro por acharem-no desnecessário; eles dizem: ³sou jovem, nunca fiquei doente, prefiro ficar com o dinheiro do que pagar o seguro²; mas há muitos que querem entrar no sistema de seguro e não conseguem. As firmas alegam que os brasileiros não são funcionários efetivos e por isso não os inscrevem no sistema de seguro social. Assim, o único recurso é procurar pelo seguro nacional, na prefeitura local. Há cidades que inscrevem o estrangeiro sem qualquer problema, mas há outras que não lhe fornecem o seguro, alegando que como está trabalhando, deve se inscrever no seguro social. Algumas pesquisas apontam que 60% dos brasileiros no Japão não têm seguro de saúde.

6. O Retorno ao Brasil

Voltando ao Brasil após 8-10 anos, ele vai encontrar o país, a economia, a política, a segurança, a sua cidade, a sua própria casa e família mudados, e nota que a sua visão de vida e seus costumes mudaram (Lembram da estória de ³Urashima taro, um pescador que foi levado por uma tartaruga ao fundo do mar e ali viveu feliz por muitos anos, mas ao retornar `a sua terra, tudo estava mudado e notou que ele também estava muito velho?)². Assim há uma tendência de voltar ao Japão, processo que poderá transformar uma migração transitória numa migração definitiva, mas que também poderá provocar uma perda de raízes em ambos os países.

Conquistas dos Brasileiros no Japão

1. Sob o ponto de vista financeiro: 2 bilhões de dólares são enviados pelos dekasseguis anualmente ao Brasil. Muitos adquiriram imóveis, iniciaram empreendimentos comerciais e de serviços, no Brasil e, mais recentemente, também no Japão. Restaurantes de comidas brasileiras, lojas de produtos brasileiros multiplicam-se no Japão, nas cidades com grande concentração de brasileiros. Em Oizumi, situada a 88 km de Tokyo, 9% da população é

brasileira (3.734 pessoas); é a cidade com maior proporção de brasileiros no Japão (MORENO, 1997). Nesta cidade há até um "shopping center" brasileiro.

2. Meios de comunicação: Já estão disponíveis em português no Japão os jornais "International Press", "Tudo Bem", "Nova Visão"; a revista "Made in Japan", e o canal de televisão "International Press" que são meios de informação principalmente para aqueles que têm dificuldade com a língua japonesa.

3. Educação: para aqueles que pretendem retornar ao Brasil e querem educar seus filhos no sistema brasileiro, funcionam as escolas Pitágoras e o projeto Ceteban.

4. Reconhecimento: temos visto alguns brasileiros serem contratados como efetivos pelas firmas japonesas devido a sua capacidade e dedicação; alguns alunos brasileiros estão sendo reconhecidos como os primeiros da classe no Japão; temos visto também o desempenho dos brasileiros nos esportes e na música, como o de um jovem que foi convidado para reger uma orquestra juvenil japonesa.

Pelo exposto, embora reconheçamos as vantagens e conquistas do processo de imigração, o custo para atingir o bem-estar físico, mental e social tem sido muito grande.